

Para reconstruir a história

Comunidades remanescentes dos quilombos recebem novas escolas

A estrada de areia que leva até a localidade de Barra do Parateca, município de Carinhanha, sudoeste da Bahia, revela um ambiente castigado pelas secas prolongadas. Essa região do médio São Francisco é de clima semi-árido com chuvas irregulares e mal distribuídas. Em meio ao cerrado, cobertas de poeira, surgem as primeiras casas de pau-a-pique. A comunidade vive às margens do rio e sobrevive da agricultura de subsistência de batata doce, feijão, milho e mandioca, além da pesca. Na entrada da localidade, algo chama atenção. É o trabalho de soldados para finalizar as obras de uma escola. Os moradores já se acostumaram com os homens do exército e esperam, ansiosos, o término da construção.

A nova sede escolar será entregue à comunidade em dezembro, terá quatro salas e irá beneficiar cerca de 360 alunos. Os recursos são do Ministério da Educação, por intermédio do FUNDESCOLA. Além de Barra do Parateca, os municípios de Sítio do Mato (BA),

Monte Alegre de Goiás (GO) e Porto das Folhas (SE) também estão sendo beneficiados por esta iniciativa. Todas as obras seguem os padrões mínimos de funcionamento que uma escola deve ter para possibilitar, de forma adequada, o processo de ensino-aprendizagem.

As novas escolas irão melhorar, por exemplo, o trabalho de Miralva Pereira Novaes, professora de 20 alunos da 2ª série. Por enquanto, ela leciona na Escola Municipal José Ribeiro, em Barra do Parateca, unidade a ser desativada quando a do programa estiver pronta. Mesmo com pouco tempo de trabalho na antiga escola, a professora já percebeu as dificuldades da região e as precárias condições de ensino. "A minha casa está caindo e as formigas estão por todos os móveis. Estes problemas são comuns na comunidade. Aqui na escola, a situação não é diferente. O chão está esburacado, o quadro caindo, a parede sem tinta, o teto com goteiras. Em época de



Fotos: Andrea Castro



Olho do repórter

A comunidade de Barro Vermelho sabe a importância e os benefícios de uma participação. Há três anos foi criada a Associação Agropastoril Quilombola Mangal Barro Vermelho. Mensalmente, membros das 106 famílias cadastradas se reúnem para tratar de assuntos de interesse de todos. Eles decidem quais os produtos a serem plantados, quanto pedir de crédito do banco para investir na lavoura, qual a melhor forma de trabalhar a terra, dividir os trabalhos e seus produtos. Um exemplo de participação e de democracia, pois quando há divergência de opiniões, a decisão é feita por voto.

Durante a visita da equipe do Boletim Técnico, eles estavam reunidos para falar de assuntos relacionados à educação. Um exemplo era como seria feita a escolha da professora da nova escola da comunidade. Eles exigem que sejam pessoas nascidas no lugar, que conheçam a própria realidade, para poder transmitir o valor das tradições e o respeito pela cultura e história local. Alguns problemas exigiam atenção. Havia professora aposentada sem receber, a zeladora estava com pagamento atrasado e faltava merenda. As resoluções eram registradas em ata e assinadas por todos os representantes da diretoria que se encarregavam de passar o documento para a resolução dos órgãos competentes.

"Muito do que nós temos foi conseguido assim, buscando os nossos direitos, lutando pelo que é nosso. Se a comunidade não fosse unida, não sei o que seria da gente", esclarece o presidente Francisco de Assis, dando um exemplo a todos nós.

Além de ser membro da Associação, Edmar dos Santos faz a 6ª série em escola de outro município



chuva, ficamos isolados e as crianças não comparecem", explica. Além da escola, será construído um alojamento para dois professores.

Para um dos seus alunos da 5ª série, Genivaldo Ribeiro Magalhães, de doze anos, será melhor estudar em um local adequado. "Gostaria que minha escola fosse mais iluminada, tivesse cadeira para todo mundo e não fosse preciso sentar no chão. Eu vou gostar mais de estudar quando for para a outra sede. Acho até que o meu irmão vai voltar para a escola", acredita o garoto. O irmão de Genivaldo faz parte de um grande número de jovens que param os estudos porque na comunidade só há de 1ª a 4ª série. Para os que querem continuar, é necessário ir para o município mais próximo, significando, muitas vezes, horas dentro do ônibus.

Esta também é a realidade dos moradores da fazenda Mangal Barro Vermelho, no município de Sítio do Mato (BA), outro lugar a ser beneficiado com as construções do Fundo de Fortalecimento da Escola. As crianças das 106 famílias que fazem parte da Associação Agropastoril Quilombola têm de estudar em horário intermediário na única escola do lugar. São quatro turnos com duração média de três horas e 40 minutos cada. Essa medida foi necessária para dar oportunidade a todas as crianças de 1ª a 4ª série de frequentarem as aulas.



Professoras como Cremilda Teixeira (à esquerda) são referência para toda a comunidade: esforço e dedicação para concluir os estudos

O município de Gameleira, a 35 quilômetros, é o lugar mais próximo para quem quer cursar de 5ª a 8ª série. Um ônibus da associação leva, diariamente, 40 alunos para lá. É o caso, por exemplo, de Edimar Farias dos Santos, de 23 anos, aluno da 6ª série. "Com a nova escola, não vamos precisar nos deslocar", afirma.

Edimar faz parte da associação agropastoril. Segundo ele, todas as decisões passam pelos sócios. Uma delas diz respeito às professoras que vão ensinar na escola em construção. "Gostaríamos que fossem pessoas daqui, assim as crianças aprenderiam conforme a nossa realidade", explica o presidente da associação, Francisco de Assis.

Professoras como Cremilda Teixeira de Souza, com 26 anos de experiência, são exemplos para



Com a nova escola, as crianças não precisarão mais sair de Barra do Parateca para cursar de 5ª a 8ª série

a comunidade. Para finalizar os estudos, teve de ir para o município de Paratinga (BA). Enfrentou dificuldades e preconceitos, mas aprendeu a importância da educação para a sua vida. Voltou comprometida a repassar esses valores para a comunidade. O esforço deu certo. Sete de suas alunas se formaram em magistério e quatro são pro-

fessoras em Barro Vermelho. “A minha missão é ensinar. Tenho orgulho do que faço e luto para ninguém aqui ficar sem estudo. Conto com a ajuda das minhas ex-alunas e hoje colegas de trabalho”, ressalta Cremilda.

As comunidades de Barra do Parateca, em Carinhanha, e a de Barro Vermelho, em Sítio do Mato, são duas das 724 remanescentes de quilombos do Brasil. A Bahia é o estado com maior representatividade (são 245); algumas com mais de 150 anos de existência. Porém, em muitas delas, não há um registro histórico e cultural tão importante no resgate de suas identidades. Sabendo disso, Heldina Pereira Pinto, de Barra do Parateca, estuda o lugar onde nasceu, inclusive as tradições, como, por exemplo, o Festejo de São João Batista. Ela concluiu a dissertação de mestrado intitulada “Os saberes da comunidade rural negra de Barra do Parateca: uma articulação com a cultura escolar”, que irá se transformar em trabalho de doutorado. Os estudos sobre a história dos quilombos de Barra do Parateca podem ser encontrados na Fundação Palmares. (11)

Construção de escolas nas áreas remanescentes dos quilombos

Sítio do Mato (BA)

Uma escola na Fazenda Mangal Barro Vermelho, com duas salas de aula, no valor de R\$ 186.345

Porto das Folhas (SE)

Uma escola em Mocambo, com duas salas de aula, no valor de R\$ 163.977

Carinhanha (BA)

Uma escola em Barra do Parateca, com quatro salas de aula, no valor de R\$ 269.666

Monte Alegre de Goiás (GO)

Uma escola em Tinguizal, com duas salas de aula, no valor de R\$ 203.956 e uma em Bom Jardim, com duas salas de aula, no valor de R\$ 203.956

